

AS RELAÇÕES DE PODER NO CONTEXTO ESCOLAR: O PODER DISCIPLINAR EM FOUCAULT E A ACULTURAÇÃO EM CHERVEL

Natália dos Santos de Souza¹
Sandra Elaine Aires de Abreu²

Resumo

Este artigo tem como objeto de estudo o poder disciplinar segundo Foucault e a aculturação feita pelas disciplinas escolares segundo Chervel. Neste contexto, o presente trabalho pretende estabelecer as relações do poder disciplinador das escolas e a aculturação das disciplinas escolares. Tem como objetivo geral: analisar o processo disciplinar no ambiente escolar segundo Foucault e Chervel. E os objetivos específicos: explicar como Foucault discute o estabelecimento do poder disciplinar na escola; explicar como Chervel discute a aculturação a partir das disciplinas escolares; explicar a relação entre o poder disciplinador em Foucault e a aculturação disciplinas escolares em Chervel. A presente pesquisa foi desenvolvida por meio da pesquisa bibliográfica, e tomamos a obra Vigiar e punir, 1987, de Michel Foucault e o artigo A história das disciplinas escolares 1990 de André Chervel como “fontes”. O processo disciplinar no ambiente escolar nos dois autores segundo os autores estabelece uma relação com o termo disciplina. A disciplina de corpos dóceis e a disciplina escolar por meio de aculturação e assimilação obtêm um mesmo resultado, ou seja, a disciplina.

Palavras-chave: Poder disciplinar. Aculturação. Disciplina Escolar. Relações de Poder. Contexto Escolar.

Introdução

Este artigo tem como objeto de estudo o poder disciplinar segundo Foucault e a aculturação feita pelas disciplinas escolares segundo Chervel.

Durante o século XVII e XVIII a disciplina se torna uma formula geral de dominação, ela se diferencia da escravidão, da domesticidade e da submissão.

O momento histórico das disciplinas é o momento que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil. (FOUCAULT, 1987. p. 119)

¹ Acadêmica graduanda do curso de Pedagogia do Centro Universitário de Anápolis (UniEVANGÉLICA).2019. <natalia.s.s98@hotmail.com>.

² Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professora do Centro Universitário de Anápolis (UniEVANGÉLICA) e da Universidade Estadual de Goiás (UEG). sandraeaa@yahoo.com.br

A disciplina é uma relação de poder externa que aos poucos domina o corpo do homem moldando conforme os interesses da sociedade industrial capitalista. (FOUCAULT 1987). Ou seja, através de métodos consegue-se a disciplina do corpo, fazendo com que o indivíduo se torne obediente a diferentes comandos, a disciplina aqui é uma relação de docilidade-utilidade.

Em outra perspectiva, André Chervel (1990) no texto “A história das disciplinas escolares” afirma que, até o final do século XIX, o termo disciplina e a expressão “disciplina escolar” designavam tão somente a vigilância dos estabelecimentos e a repressão às más condutas. Após a primeira guerra mundial a disciplina perde sua caracterização e se torna apenas classificação de uma matéria de ensino, ela não se livra de métodos, pois a exposição da matéria pelo professor, à interrogação, a repetição e a aplicação, induzem o aluno a exercitar aquilo que aprenderam através da disciplina como conteúdo escolar.

Em 1870, o termo disciplina fez par com o verbo disciplinar e passou a designar um sinônimo de ginástica intelectual a disciplinar a inteligência das crianças por um processo de aculturação³.(CHERVEL, 1990).

A instituição escolar é um aparelho que visa conseguir indivíduos que contemplem a visão cultural da escola.

Uma disciplina escolar comporta não somente as práticas docentes de aula, mas também as grandes finalidades que presidiram sua constituição e o fenômeno de aculturação de massa que ela determina então a história das disciplinas pode desempenhar um papel importante não somente na história da educação, mas na história cultural. (CHERVEL, 1990, p.184)

“Cabe à história das disciplinas escolares encarregarem-se dos problemas e estudar a natureza exata dos conhecimentos adquiridos, e de um modo mais geral, da aculturação realizada pelo aluno no contexto escolar” (CHERVEL, 1990, p.209). A

³ Aculturação; transformação da cultura de um grupo, pela assimilação de elementos culturais de outro grupo social com quem mantém contato direto ou regular. (FERREIRA,2008, p.93). No caso seria a transformação da cultura dos alunos pela assimilação de elementos da cultura da escola, ou da cultura dominante.

disciplina observada por Chervel acontece através da disciplina enquanto conteúdo escolar.

As relações de poder no contexto escolar por meio de disciplinas e aculturação se torna objeto de reflexão, pois ainda é pouco abordado no ambiente acadêmico, além disso, busca favorecer um análise em um novo olhar para as escolas do passado, e contribui para o entendimento de que a instituição escolar tem características importantes de cada época.

Neste contexto, o presente trabalho pretende estabelecer as relações do poder disciplinador das escolas e a aculturação das disciplinas escolares. Assim, o objetivo geral deste artigo é: analisar o processo disciplinar no ambiente escolar segundo Foucault e Chervel. E os objetivos específicos: Explicar como Foucault discute o estabelecimento do poder disciplinar na escola. Explicar como Chervel discute a aculturação a partir das disciplinas escolares. Explicar a relação entre o poder disciplinador em Foucault e a aculturação disciplinas escolar em Chervel.

Este artigo foi desenvolvido por meio de pesquisa bibliográfica. Os autores que utilizamos foram: Michel Foucault (1987); André Chervel (1990); Japiassú,(1996); Garcia(1988); Marinho(2008); Guiraud(2018); Ferreira(2008); Moreira e Candau (2003); Assis (2008); Bandeira (2004) e Caria(1992). No entanto a obra Vigiar e punir, 1987, de Michel Foucault e o artigo A história das disciplinas escolares 1990 de André Chervel foram utilizadas como “fontes”.

Foucault e o estabelecimento do poder disciplinar na escola

Ao analisar a escola enquanto espaço físico e local de ensino e aprendizagem percebemos que Foucault (1987 apud GARCIA 1988) explica que na sua organização o poder disciplinar na escola é estabelecido de três formas, ou seja, a organização do espaço, o controle do tempo e a vigilância. A organização do espaço escolar no que se refere à construção dos diferentes espaços pedagógicos bem como a sala de aula propriamente dita, o controle do tempo, aqui a disciplina coloca o corpo numa relação de sujeição ao tempo tendo como principal objetivo produzir com eficácia e rapidez. E a

vigilância, são ações que precisam ser vistas pelos indivíduos que estão inseridos nesse contexto. Esses três aspectos podem ocorrer concomitantemente.

Neste sentido, existem diversos aspectos que explicam como acontece o poder disciplinar nas escolas bem como a disciplina, a classificação de alunos, a arquitetura como lugar, a hierarquização, sistema de punições e exames. Mas antes de desenrolarmos cada um desses conceitos faz-se necessário entender as relações de poder que se estabelecem nas sociedades.

Para Foucault (apud MARINHO 2008), as relações de poder acontecem nas sociedades e por toda parte, elas se fazem a partir da liberdade e responsabilidade dos indivíduos, sendo assim:

Os princípios gerais e ideais que deveriam orientar as relações de poder seriam: dependo do nível de consciência do indivíduo, as relações de poder o incitaria a crescer até ao ponto de saber exercer sua liberdade e, considerando o indivíduo em sua maturidade, as relações se realizariam dentro de uma dimensão em que o indivíduo teria o espaço necessário para exercer sua liberdade e tomar sua própria decisão, em função de seu modelo de vida. Tudo isto sugere que o objetivo das relações de poder não seria jamais de manipular, mas uma troca de exercício de liberdade. (MARINHO, 2008, p.12).

Essas liberdades são como uma arma de proteção. “Arma porque constitui um instrumento natural de luta do ser humano e proteção porque, [...] ninguém consegue manipular a liberdade de ninguém.” (MARINHO, 2008, p.12).

“As relações de poder que se desenrolam nas escolas, às vezes são inconscientes e subliminares, sob forma de um poder simbólico”. (BOURDIEU 1989 apud GUIRAUD,2018 p.06). A escola para Foucault (1987) é um lugar onde o poder disciplinar produz saber⁴, e acontece de maneira hierarquizada, este poder caracteriza-se por chefes e indivíduo em um mesmo espaço, é um poder “indiscreto”, pois está em toda parte, ou seja, é notável essa relação hierárquica, não deixa nenhum indivíduo de lado, controla continuamente.

⁴ Em um sentido genérico, sinônimo de conhecimento, ciência. Na tradição filosófica, a sabedoria não significa só o conhecimento científico, mas a virtude, o saber prático: “Por sabedoria, entendo não apenas a prudência, mas um perfeito conhecimento de tudo o que os homens podem saber” (Descartes, princípios da filosofia apud Hilton Japiassú, Danilo Marcondes. 1996. p 240)

Foucault (1987) diz que Bentham colocou o princípio de que o poder disciplinar devia ser visível e inverificável. Nas instituições escolares ele acontece através de métodos que efetivam a disciplinarização dos indivíduos que a compõe. “Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as “disciplinas” (FOUCAULT, 1987, p.118)”.

A disciplina exige um espaço específico para seu exercício, um espaço no qual os indivíduos possam ser vigiados nos seus atos, que tenham seu lugar específico para visualizar seu comportamento para poder castigar ou medir suas qualidades. Porém [...] “não é simplesmente uma arte de repartir os corpos, de extrair e acumular o tempo deles, mas de compor forças para obter um aparelho eficiente” (FOUCAULT 1987, p. 138).

Sendo assim o poder disciplinar compara os melhores e piores alunos, construindo essencialmente, uma relação hierárquica de qualidades. Essa hierarquização não acontece somente entre alunos dentro de uma classe, ela existe entre diferentes classes.

Foucault (1987) estabelece uma relação entre escolas e prisões, mostra que as classes são distribuídas lado a lado sem nenhuma comunicação. As construções das escolas obedecem a quase todas essas disposições lado a lado, exceto a posição da sala da diretoria que permite ter uma visão global de todo estabelecimento, visualizando tudo que ocorre na instituição, uma espécie de “olhar panóptico”⁵. O que significa que a

⁵ O Panóptico de Bentham é uma estrutura de prisão e cárcere, a princípio é conhecido pela construção em forma de anel: No centro, uma torre; esta é vazada de largas janelas que se abrem sobre a face interna do anel; a construção periférica é dividida em celas, cada uma atravessando toda a espessura da construção; elas têm duas janelas, uma para o interior, correspondendo às janelas da torre; outra, que dá para o exterior, permite que a luz atravesse a cela de lado a lado. Basta então colocar um vigia na torre central, e em cada cela trancar um louco, um doente, um condenado, um operário ou um escolar. Pelo efeito da contraluz, pode-se perceber da torre, recortando-se exatamente sobre a claridade, as pequenas silhuetas cativas nas celas da periferia. Tantas jaulas, tantos pequenos teatros, em que cada ator está sozinho, perfeitamente individualizado e constantemente visível. (FOUCAULT, 1987 p.224) O panóptico era o modelo ideal para a divisão das salas de aula, o mais importante deste panóptico é induzir o indivíduo que se encontra encarcerado a um estado consciente e permanente de visão que assegura o funcionamento automático do poder. “O panóptico é uma máquina de dissociar para ver-se visto: no anel periférico, se é totalmente visto, sem nunca ver; na torre central, vê-se tudo, sem nunca ser visto”.

sua construção estabelece uma disposição espacial que permite o controle e a vigilância constantemente.

O controle e a vigilância uma vez que caminham juntos podem ser percebidos em cada espaço da unidade escolar, inclusive na sala de aula. A organização da sala pelo professor ao distribuir os alunos em grupos com necessidades, desenvolvimento semelhantes, uma vez que a sala de aula é composta por crianças com diferentes interesses é uma forma de romper as “ligações perigosas” que podem provar a indisciplina na sala de aula e comprometer o ensino e aprendizagem. (FOUCAULT, 1987)

O poder disciplinar através da disciplina impõe pressão constante sobre os alunos para que todos deem atenção aos estudos, façam as tarefas e respeitem as normas.

Esta pressão faz parte de um sistema que se vale de punições esse sistema também é uma das características do poder disciplinar, e é composto por penalizações para atrasos, ausência e interrupções de tarefas. (FOUCAULT, 1987)

O sistema de punição acarretava uma série de coisas, como humilhação, castigos físicos leves e também privações, considerando castigo uma forma de exercício da disciplina. “A penalidade que atravessa todos os pontos e controla todos os instantes das instituições disciplinares compara, diferencia, hierarquiza, homogeniza, exclui. Em uma palavra normaliza” (FOUCAULT, 1987, p.153).

Se analisarmos o século XVIII já havia um sistema de punições acarretado de humilhações, como ser morto em praça pública com exposição para todos, esse tipo de punição fazia com que a sociedade se oprimisse e de alguma maneira exerceria disciplina frente aos atos e atitudes, levando para a sala de aula, não temos os castigos físicos, mas um sistema de punição, como exemplo a avaliação escolar uma vez que o indivíduo não tem boas notas, tem como consequência a recuperação.

Esse sistema de punição consiste em tornar operante a correção dos alunos nas relações em sala de aula. O professor deve utilizar mais de gratificação do que penalização assim por gratificação recompensa os alunos mudam seus comportamentos.

A escola torna-se então um espaço fechado e vigiado em todos os seus pontos, os indivíduos estão inseridos num lugar físico, os menores movimentos são controlados

e todos os acontecimentos são registrados, esses registros são considerados formas de saber. Outro aspecto do poder disciplinar que ressaltamos é a classificação dos alunos, onde percebemos o controle e disciplinarização dos alunos, o poder disciplinar compara os melhores e piores alunos, construindo essencialmente, uma relação hierárquica de qualidades. Essa classificação dos alunos e os exames são utilizados como uma forma de punição. (FOUCAULT, 1987)

Outro mecanismo indicador do poder disciplinar nas escolas é o exame ou provas. Através dele o professor conhece seus alunos, faz comparações e normaliza. “O exame combina as técnicas da hierarquia que vigia e a sanção que normaliza”. (FOUCAULT, 1987, p.209).

Através do exame obtém-se o conhecimento sobre o aluno, sobre suas aptidões e deficiências, sua evolução ou desvio ao mesmo tempo de transmissão do saber, esse método pressupõe “um mecanismo que liga certo tipo de formação de saber a certa forma de exercício do poder”. (FOUCAULT, 1987, p.211).

Em suma, Foucault através de diferentes métodos consegue que o indivíduo se torne disciplinado, ele não utiliza a matéria escolar como forma para conseguir um corpo útil, ela influencia, porém consegue-se através de punições, exames e vigilância.

Levando em consideração a sociedade capitalista e os indivíduos, é necessário que trabalhe com eficiência e rapidez, sendo assim o objetivo principal é conseguir um corpo útil para contribuir com essa sociedade.

Aculturação das disciplinas escolares

O ensino escolar é composto por finalidades, dentre elas destacamos as de funções religiosas, sócio-políticas e psicológicas. Nas finalidades religiosas, “o primeiro dever do mestre é de dar as crianças uma educação religiosa, e de gravar profundamente em sua alma o sentimento de seus deveres para com Deus, com seus pais, com os outros homens e para com eles mesmos” (CHERVEL, 1990 p.187).

As finalidades sócio-políticas, visam à restauração de uma antiga ordem, a formação de uma classe média pelo ensino secundário, e o desenvolvimento do espírito patriótico. Já a psicológica expõe o que as crianças do ensino primário e secundário

são obrigadas a desenvolver, para elas não tinha imaginação, “não tendes a desenvolver neles o espirito de invenção, mas a reflexão, o julgamento, o sentimento moral, e a faculdade de expressar simplesmente, claramente, corretamente, o que sabem e o que pensam”. (CHERVEL, 1990 p.188).

O conjunto dessas finalidades determina a escola uma função educativa, uma parte obriga a dar instrução, essa instrução está integrada ao sistema educacional, que governa o sistema escolar ou o ramo estudado. Ou seja, através de instruções consegue-se uma finalidade educativa. De acordo com Chervel (1990) é investigado o que foi estabelecido como finalidade para os conteúdos e aquilo que foi realmente ensinado e aprendido.

O ensino escolar para Chervel (1990) é a parte da disciplina que põe em ação as finalidades impostas à escola, provocando assim a aculturação, fazendo com que a disciplina se transforme em ato pedagógico e a pedagogia transforme o ensino em aprendizagem. Ensinar significa então “fazer com que a disciplina, se torne um conjunto significativo e por função torna-se assimilável”. (CHERVEL, 1990 p.192).

“Uma disciplina escolar comporta não somente as práticas docentes de aula, mas também as grandes finalidades que presidiram sua constituição e o fenômeno de aculturação de massa que ela determina [...]”. (CHERVEL, 1990, p.184)

A disciplina é um dos elementos motores da escolarização, e intervém diretamente na história cultural da sociedade, por que:

Seu aspecto funcional é o de preparar a aculturação dos alunos em conformidade com certas finalidades: é isso que explica sua gênese e constitui sua razão social. Mas se as consideram em si mesmas, tornam-se entidades culturais como outras, que traspõem os muros da escola, penetram na sociedade, e se inscrevem então na instância de outra natureza. (CHERVEL, 1990 p.220).

Ou seja, a sociedade impõe a escola suas finalidades e a escola busca adaptar suas disciplinas. “A disciplina é a mesma coisa que a mensagem que um adulto transmite a criança, ela constitui a culminação de um longo processo que acabou por colocar crianças e disciplinas frente a frente” (CHERVEL, 1990 p.220).

Há exemplos de pressão que a disciplina exerce sobre uma determinada cultura, que vai desde o simples conceito criado pelas necessidades de uma causa pedagógica ou pela doutrina global que extrai sua força. Isso acontece quando a pedagogia “trata de implantar as próprias formas do conhecimento, do raciocínio da expressão normalizada, até mesmo do comportamento gestual”. (CHERVEL, 1990 p.195).

Partindo para o processo de aculturação vale destacar que ela se manifesta de três maneiras: Livre, acontece forma espontânea, pacificamente, quando não há nenhum tipo de dificuldade, confronto ou choque entre as culturas. Forçada, ela é imposta por coerção, não há opção de escolha por parte da sociedade que tem sua cultura suplantada. E por fim temos a planejada, que acontece quando a aculturação é previamente pensada, elaborada com objetivos específicos a serem atingidos, acontece quando se planeja uma nova função ou modificação na própria cultura ou em outra cultura. (ASSIS, 2008)

A instituição escolar para Chervel (1990) é uma máquina que visa conseguir indivíduos que contemplem a visão cultural da escola, uma vez que o sistema escolar desempenha na sociedade um papel que forma não somente os indivíduos, mas também uma cultura, esse poder das disciplinas é capaz de mudar, modificar e penetrar numa cultura de uma sociedade de maneira geral, pois:

O que caracteriza o universo escolar é a relação entre as culturas [...] a escola está sendo chamada a lidar com a pluralidade de culturas, reconhecer os diferentes sujeitos socioculturais presentes em seu contexto, abrir espaços para as manifestações e valorização das diferenças. (MOREIRA; CANDAU, 2003, p.07).

A escola tem função dupla na sociedade, a instrução das crianças e a criação das disciplinas. “No seu esforço secular de aculturação das jovens gerações, a sociedade entrega-lhes uma linguagem de acesso cuja finalidade é em seu princípio puramente transitória”. (CHERVEL, 1990 p.200). Essa linguagem permite adquirir autonomia, tornando o aluno um objeto cultural, conseguindo se infiltrar na sociedade de uma cultura global.

“Cabe à história das disciplinas escolares encarregarem-se dos problemas e estudar a natureza exata dos conhecimentos adquiridos, e de um modo mais geral, da

aculturação realizada pelo aluno no contexto escolar”, garantindo a eles uma cultura sólida. (CHERVEL, 1990 p.209).

Os professores são responsáveis pelo processo de aculturação, pois de alguma maneira conseguem fixar no espírito dos alunos aquilo que ensinaram. “O campo do ensino é determinado entre todos os povos, pelas mesmas condições: ele compreende os conhecimentos que podem ser inculcados pelas lições do mestre mais eficaz do que pela vida” (CHERVEL, 1990 p.216).

Percebe-se então que o processo de aculturação se relaciona a relações de poder, é necessário que alguém saiba mais (professor) para que possa acontecer a transmissão do saber de maneira assimilável e livre para que o aluno entenda de maneira clara e transmita para a sociedade, quando isso acontece é a garantia que a aculturação funcionou, vale lembrar que no processo de aculturação o indivíduo não perde a sua cultura, mas modifica conforme aquilo que foi ensinado e verdadeiramente aprendido.

Relação entre poder disciplinador e aculturação das disciplinas escolares

Conforme as análises apresentadas, entende-se que o poder não se dissocia do saber para ambos os autores, ambos têm o poder como dominação, percebemos que para Foucault essas forças que ele chama de poder, atuam no que de mais concreto temos, o corpo. Não seria diferente para Chervel, o poder acontece a todo tempo nas relações sociais e culturais que temos.

Em uma visão weberiana, o poder é uma ação social comunitária racional de um indivíduo ou grupo de indivíduos sobre outro indivíduo ou grupo de indivíduos visando impor a sua vontade, mesmo que à força. Dessa maneira, o poder é uma ação social, sendo que “socializar é uma modalidade particular de educar” (CARIA 1992), é também uma maneira racional pré-determinada com vistas a se obter basicamente dominação e obediência (WEBER, 1984, p.682 apud BANDEIRA 2004).

Considerando a instituição escolar o indivíduo quando chega à escola, traz uma bagagem cultural bastante carregada, principalmente de saberes familiares e senso comum, cabe à escola, ao educador ou alguém que esteja em um nível “maior” de

hierarquia, organizar aquilo que o indivíduo já tem como saber, através de “aculturação”. Encontramos aqui as relações de poder e o poder ao “aculturar” o aluno ou mesmo “docilizar” os corpos.

De acordo com Marx apud (VIANA 2004), o ser humano somente se mantém enquanto tal no interior das relações sociais. Não é possível pensar o ser humano fora das relações sociais. A linguagem, a consciência, os valores, o trabalho, tudo isto é social. Conseqüentemente o poder se desenrola no meio dessas relações seja de maneira consciente ou inconsciente.

Foucault 1987 afirma que “a escola aqui tem uma relação de fiscalização, sua essência é o ensino, porém se espera eficiência”.Essa eficiência é formada através da disciplina do corpo, vem de cada indivíduo para que atenda às necessidades capitalistas. Por outro lado Marx (apud VIANA 2004) crítica à educação capitalista que se encontra no fato de que este tipo de educação possibilita o aumento da exploração dos trabalhadores, pois os prepara para se adaptar ao processo de produção capitalista, domesticando-os. (ROSSI,1981 apud VIANA 2004).

A cultura que a escola ensina é apresentada como universal e neutra, o ensino dessa cultura dissimula o poder de quem o impõe. (CARIA, 1992, p.175). A concepção de ensino escolar quanto matéria está diretamente ligada à pedagogia, no meio de tantos saberes Chervel explica que há necessidade de explicar esses saberes para público jovem de maneira pura, íntegra, cabendo assim a tarefa de um pedagogo “arranjar métodos de modo que esses alunos assimilem o mais rápido e o melhor possível, a maior porção possível da ciência da referência” (CHERVEL,1990, p.181).

Através da assimilação, o aluno consegue realizar a disciplina do corpo que conseqüentemente faz com que ele se comporte de tal maneira perante a sociedade, atendendo os seus interesses, porém de maneira aculturada e não através de castigos.

Entende-se que o poder disciplinar tem características próprias de determinada época onde em um momento ensinar para o trabalho e conseguir docilizar um corpo era mais importante. A partir do momento que a disciplina se torne matéria, objeto de estudo, ela não perde a sua função em docilizar um corpo, apenas não acontece através de métodos e castigos físicos, mas sim por meio de assimilação fazendo com que o pensamento do aluno atenda diferentes interesses, de maneira a não deixar a

sua essência. Assim acontece com o poder disciplinar, o aluno se modifica de maneira a não perceber aquilo que faz, simplesmente tem determinada postura em determinado lugar, mas ambos chegam a um mesmo resultado, a disciplina e a mudança de seus atos para com a sociedade se tratando de Foucault e consigo mesmo segundo as reflexões de Chervel.

Considerações finais

O desenvolvimento do presente artigo possibilitou uma análise do processo disciplinar no ambiente escolar segundo os autores que estabelecem um elo entre o termo disciplina: Foucault e Chervel. Além de permitir perceber como o poder e suas relações estão ligados a tudo que foi abordado aqui: Sociedade, disciplinas e aculturação.

É notável que a disciplina de corpos dóceis e a disciplina escolar por meio de aculturação e assimilação obtêm um mesmo resultado, seja através de um processo lento ou rápido. Percebemos também que a pressão que a disciplina exerce acontece nos dois autores principais, mesmo que de maneira diferentes, mas como principal função normalizar.

Em uma visão “atualizada” a partir da releitura e análise do artigo é impossível concluir esta análise. Vivemos em uma sociedade que muda diariamente para atender diferentes interesses, as mudanças e necessidades oscilam a todo tempo. A disciplina e o conteúdo escolar sofrem mudanças, estamos sempre nos adaptando a viver e conviver numa rede de relações que nos cobra trabalharmos como maquinas e ter excelente saber. Se olharmos bem pra sociedade do século XXI, perceberemos o quanto a sociedade circula nessa rede de relações sem perceber, de alguma maneira carregamos um pouco de ambos os autores no nosso dia a dia.

Referências

ASSIS, Cássia Lobão. **Processos culturais: endoculturação e aculturação**. Campina Grande: UEPB/UFRN, 2008.

BANDEIRA, Vinicius. **Macros e micropoderes**: uma relação oponente ou complementar? Conteúdo jurídico, Brasília-DF, 2004

CARIA, Telmo Humberto. Perspectiva sociológica sobre o conceito de educação e as diversidades da pedagogia. **Sociologia problemas e práticas**. p.171-184, 1992.

CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria & Educação**, n.2. p. 177-229, 1990.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **MiniAurélio**: o minidicionário da língua portuguesa. 7ed., positivo, 2008.

FOUCAULT, Michael. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão: Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

GARCIA, Liliana Bueno dos Reis. A ideologia e o poder disciplinar como formas de dominação. **Trans/Form/Ação**, São Paulo, n. 11, p.53-59, 1988.

GUIRAUD, Luciene. As relações de poder na organização escolar: um estudo sobre a construção da subjetividade. Paraná. **Programa de desenvolvimento educacional PDE**. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2235-8.pdf> . Acesso em: 15 dez. 2018.

JAPIASSÚ Hilton; MARCONDES Danilo; **Dicionário básico de filosofia**. 3 ed. rev.ampl. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1996.

MARINHO, Ernandes Reis. As relações de poder segundo Michel Foucault. **E-Rev. Facitec**. v.2, n.2, p.1-31 Dez. 2008.

VIANA, Nildo. Marx e a educação. **Rev. Estudos/UCG**, Goiânia, p.1-18. 2004.